

PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL POR MEIO DOS JOGOS COMPETITIVOS

SOCIAL INCLUSION PROCESS BY THE COMPETITIVE GAMES

Artur Fonseca Melchiades¹
Mario Sérgio Vaz da Silva²

RESUMO: Nos projetos sociais de inclusão, os esportes são estratégias privilegiadas. Mas quase sempre os esportes são jogos competitivos. Porém, mesmo tendo-se o fator da competição na realização do esporte, este pode ser minimizado se prevalecer a atividade como lazer e inclusão social e de fomento para a união de grupos de participantes de jogos. Neste artigo, pretende-se descrever sobre os conceitos presentes nos termos "jogo", "esporte" e "competição", visando a atuação como via para a inclusão social. Tendo-se como objetivo geral descrever sobre a função do esporte como suporte para a socialização e a integração. Trata-se de um estudo cuja metodologia vale-se da análise descritiva e de revisão literária sobre a temática. Foram pesquisados autores como Kunz (2001), Rubio (2002), Orlick (2004), Darido e Martins (2007) e outros, que constatarem que os esportes modernos são institucionalizados, o que permite a seus jogadores praticá-los como ocupações estáveis. Em conclusão, destaca-se que competições esportivas, institucionalizadas e disciplinadas, resultam em arranjos de soma positiva, e essas permitem que o esporte possa tornar-se uma escolha de vida, favorecendo, portanto, a inclusão.

Palavras-chave: Esporte. Lazer. Competição.

ABSTRACT: In social inclusion projects, sports are the privileged strategies. But almost always sports are competitive games. However even having the competitive action in the realization of the sport, it can be minimized its dispute action prevailing the activity as leisure and social inclusion and the fomentation to the union groups of game's participants. In this article, it is intended to describe the concepts presented in the terms "Game", "Sport" and "competition", aiming at the performance as a way to the social conclusion. Having as general objective of this study to describe about the role of sport as support for socialization and integration. It is a study which methodology valley of the descriptive analysis and the literary review about the topic. Were surveyed authors like Kunz (2001) Rubio (2002) Orlick (2004), Darido Martins Junior (2007) and others which realized that modern sports are institutionalized, and it allows its players to practice them as stable occupations. In conclusion, it is emphasized that sports competitions, institutionalized and disciplined, result in positive-sum arrangements, and these allow that the sport can become a life choice, favoring therefore the inclusion.

Keywords: Sport. Recreation. Competition.

INTRODUÇÃO

A partir dos diferentes discursos sobre a ação da Educação Física e da prática de esporte como processo de inclusão social, este artigo está organizado de forma a demonstrar as possibilidades da competitividade na formação dos alunos.

¹ Acadêmico do Curso de Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (FAED/UFGD).

² Professor Doutor - Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Brohm (1993 apud RUBIO, 2002, p. 2) considera ser o esporte uma instituição resultante do modo capitalista de produção, em que a classe social dominante o percebia como um ócio, por sua vez os trabalhadores o tem como um meio para recuperação de suas forças para a continuidade do trabalho.

Nessa perceptiva, o esporte é uma forma comparativa de desenvolvimento de forças do sistema produtivo capitalista, pois, do mesmo modo que reivindicavam a redução da jornada de trabalho, solicitavam espaço para a prática de esportes. Por outro lado, a atual versão de esporte profissional é uma forma de trabalho, em que o atleta vende a sua habilidade em algum esporte para o seu patrão.

Para Brohm (1993 apud RUBIO, 2002, p. 3) o esporte apresenta semelhanças com o meio de produção trabalhista, por ser uma atividade que exige muito esforço e concentração por parte do atleta. E que considera o esforço realizado pelo praticante de esporte como os princípios tayloristas, devido a filosofia de esforço presente no modo de exploração do atleta para que ofereça o rendimento esperado para o esporte, em que ele tenha se especializado. Aliás, o próprio processo de especialização em uma determinada prática esportiva, já é uma apropriação da força de trabalho do indivíduo.

Mas, a história coloca como grandes feitos as apresentações de atletas em diferentes modalidades de esporte nas quais tenham se destacado, em que o imaginário esportivo encobre as reais ações presentes em sua prática, como da competitividade excessiva e o sonhado dia de glória e reconhecimento pelos seus feitos, que poderão colocá-lo em destaque para a posteridade.

Outra abordagem, os jogos cooperativos, contribui com as aulas de Educação Física, por oportunizar situações que favorecem ações cooperativas, e levam os envolvidos a perceberem a sua importância para a sua formação social, enquanto integrante de uma sociedade (SOLER, 2006). Nessa mesma linha de raciocínio, Silva et al. (2012) colocam que no decorrer das práticas de atividades físicas de jogos cooperativos, constroem-se valores relacionados ao processo de motivação, promovendo atitudes e diante dos resultados obtidos no jogo levam a valorização de resultados. Dessa forma, o aluno vivencia o verdadeiro sentido dos jogos cooperativos na prática.

Desse modo, possíveis rixas, disputas podem ser colocadas em segundo plano e depois esquecidas, por estarem envolvidos nas atividades cooperativas³ e favorecendo

³ São dinâmicas de grupo que têm por objetivo despertar a consciência de cooperação e promover efetivamente a ajuda entre as pessoas.

dessa forma a prevalência do respeito mútuo entre o grupo, tendo como resultado a diminuição de atos agressivos e ampliação da ajuda mútua (SOUZA, 2014).

Pode-se ainda visualizar nos esportes outra abordagem, uma possibilidade de práticas voltadas apenas para o bem estar das pessoas, como a sua socialização e o lazer. Mesmo que a competitividade esteja presente em sua ação, essa pode ser deslocada do eixo central da atividade e ser apenas parte do processo para a sua realização coletiva, em que todos tenham o direito de participar e não apenas os que apresentem maior capacidade de competição.

Destaca-se a importância da prática do esporte para o corpo humano e da sua relação com a formação de ambientes sociais sadios e participativos, que podem agregar valor para a vida de jovens e crianças, retirando-os de ambientes hostis e mostrar bons hábitos sociais e familiares. Desse modo, buscou-se oportunizar o conhecimento de benefícios que o esporte possa proporcionar, ao aluno participativo e que resulte na formação do cidadão. Tendo-se como objetivo geral desse estudo descrever sobre a função do esporte como suporte para a socialização e a integração. Para tanto a metodologia utiliza-se da análise descritiva de revisão literária sobre a temática.

O esporte no contexto das aulas de Educação Física

O esporte como conteúdo das aulas de Educação Física tem grande importância social. A partir do contexto da escola, percebe-se ser mesmo um ambiente de uma construção histórico-social. Tendo dentre os seus objetivos, o de formar cidadãos críticos, participativos e constituintes do contexto social. Assim, deixa de ter sua real função se visar a competitividade, a busca por “heróis” do esporte, levando a divisão, a valorização do material, em desfavor da cooperação e da inclusão social de todos os participantes do ambiente educacional. Observa-se, portanto que a escola possui os meios para que a prática de esportes no seu local seja voltada para a inclusão e não apenas para a competitividade e a busca pelo estrelato social e financeiro (STIGGER, 2009).

Darido e Martins Junior (2007) ressaltam que a competitividade somente se exalta quando a escola não busca a valorização do esporte pelo esporte e passa a incentivar seus alunos para a competição, para a busca de troféus para a unidade escolar. O que leva a manutenção da relação venda de força de trabalho, por um prêmio que, no caso, enquanto aluno e jovem se restringe a apenas um troféu. Porém, os resultados para a vida adulta do

jovem pode colocá-lo como um eterno competidor, que sempre precisa ganhar em sua trajetória de vida. Isso acontece, quando se identificam os aspectos negativos da simples reprodução, na realidade escolar, do esporte de rendimento.

Contrário a esse propósito, coloca Parâmetros Curriculares Nacionais - Educação Física – PCNs/EF (BRASIL, 1998) visa levar à educação escolar, estratégias de ação que promovam o lúdico, o aprendizado sadio e também um aprendizado com características de uma prática multicultural, no qual todos possam participar. O esporte passa a ser acessível a todos, o que é possível quando são realizadas práticas alternativas que oferecem um conhecimento significativo para o aluno, optando o professor por trabalhar com a cultura corporal de movimento como referência nas atividades da Educação Física escolar:

Assim, proporcionaremos aos alunos garantir o acesso com possibilidade de conhecê-la, reproduzi-la, reconstruí-la e transformá-la. Essas práticas devem ser uma via de mão dupla com a sociedade, aproveitando o conhecimento empírico dos alunos e através de uma mediação de conhecimentos com os professores. Esta cultura se desenvolveria pelo processo de escolarização dos conhecimentos que circulam na sociedade, o que não ocorreria pela negação destes últimos, mas pela tensão permanente com eles, numa perspectiva tanto de complementaridade, como de contradição. (STIGGER, 2009, p.125).

Para Paes (1996) o entendimento do esporte como meio para o processo de educação formal, somente será percebido quando for visto como uma das áreas do conhecimento em que o seu conteúdo seja fundamentado por objetivos expressos da educação, que seja realizado por meio de planejamentos de ensino. Deste modo o esporte passa a ser entendido como constituição de um saber, de um conhecimento, para o qual a escola promova o seu espaço para a socialização dos conteúdos deste saber.

Conforme se observa nos PCNs/EF (BRASIL, 1998), para que o saber seja trabalhado na escola e cumprir com os interesses sociais, deverá ter como objetivo do esporte escolar a proposta de valorizar as atitudes de respeito mútuo, solidariedade e dignidade entre os educandos, atuando como alternativa para que os alunos possam ocupar o seu tempo livre, fora do âmbito escolar, com a prática de atividades saudáveis. É necessário conscientizar o alunado que por meio da prática do esporte eles poderão aprender conceitos sociais, valores humanos e ainda conhecer do seu corpo, percebendo as mudanças que ocorrem em sua vida, o seu funcionamento, sua história de movimentos compreendendo a qualidade de vida que o esporte pode lhe proporcionar.

No entanto, acredita-se que: “Não se trata de propor que a Educação Física na escola se transforme num discurso sobre a cultura corporal, porém, possa sugerir que haja uma ação pedagógica com ela” (BETTI apud DARIDO; MARTINS JUNIOR, 2007, p. 17).

A Educação Física como parte integrante da Educação, tem uma função social positiva e importante e o educador na sua prática torna-se um veiculador de valores. Segundo Acedo (2012), o processo de inclusão dos esportes nos programas escolares deve ser baseado na crença comum de que a prática do esporte possa ser o elemento fortalecedor da socialização, o qual favorece o desenvolvimento mental e social do indivíduo. Nesse sentido, quando se reconhece que um campeonato possui determinadas regras, o aluno está sendo educado para que forme sentimento de responsabilidade, coletividade e “sinceridade”, e estará imbuído de responsabilidade para o ato de trabalhar com o próximo. Sendo assim, o autor entende que compete ao educador, a obtenção de conhecimentos adequados para desenvolver conhecimentos sobre os três eixos: conceitual, procedimental e atitudinal:

- Na dimensão conceitual, verifica-se que o educador deve obter conhecimentos sobre as transformações pelas quais a sociedade ao longo de sua evolução vem passando e quais as contribuições que oferece em relação aos hábitos de vida e precisa relacioná-los com as necessidades atuais próprias da área da educação física. É importante ao educador conhecer quais as mudanças pelas quais vem passando os esportes, citando como exemplo, as mudanças de regras dos esportes devido à atuação da televisão.

- Na dimensão procedimental, visa-se a descrição e experimentação do ato de vivenciar os movimentos básicos presentes nos conteúdos da Educação Física.

- Na dimensão atitudinal, objetiva-se descrever os fatores que indicam a necessidade da valorização dos conteúdos da Educação Física em seu contexto histórico. Como dos atos de respeito perante os colegas. E de promover meios para se resolver os problemas, sempre com o diálogo. Na participação de brincadeiras em grupo, deve visar a cooperação e saber reconhecer a ação do outro, assim como não praticar ações de *bullying* e valorizar atitudes não preconceituosas. Ressalta-se que juntamente com a área de Educação Física, o respeito deve ser prática primordial para que as relações de práticas esportivas sejam realizadas, uma vez que, a sua falta, poderá colocar em risco todo o processo de socialização que se propõe que seja orquestrado pela área de educação física (ACEDO, 2009).

Dessa forma, mais do que ensinar a fazer, deve-se acentuar o objetivo do professor que é de levar os alunos a obterem uma contextualização das informações e que aprendam a se relacionar com os colegas, diante do reconhecimento de valores que estarão contidos nessas práticas (DARIDO; MARTINS JUNIOR, 2007).

Conforme consta nos PCNs/EF (BRASIL, 1998), o universo de valores, atitudes, conceitos e procedimentos da cultura corporal de movimento atua de maneira extremamente significativa como referência para o jovem e o adolescente, criando uma multiplicidade de interesses, uma enorme variedade de possibilidades de identificações com estilos e, aparentemente, inúmeras formas de buscar prazer e satisfação. Essa diversidade pode ser vivida de forma proveitosa, se for objeto de experimentação e reflexão simultâneas, e se efetivamente for tratada como objeto sociocultural sobre o qual se exerce um papel ativo de produção, de participação real. É muito prejudicial se tratada com omissão, restringindo a experiência do aluno à passividade consumista. Observa-se nos PCNs/EF (BRASIL, 1998, p. 30) que:

[...] a concepção de cultura corporal de movimento amplia a contribuição da Educação Física escolar para o pleno exercício da cidadania, na medida em que, tomando seus conteúdos e as capacidades que se propõe a desenvolver como produtos socioculturais, afirma como direito de todos os acessos e a participação no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, visa-se também modificar o histórico da área, que não busca apenas a formação física e sim um processo de ensino e aprendizagem que não esteja centralizado no desempenho físico e técnico, mas que possa resultar em diversos e múltiplos momentos de cooperação e de harmonia na prática saudável do esporte.

Uma vez que, segundo os PCNs/EF (BRASIL, 1998, p. 30), “o princípio da inclusão do aluno é o eixo fundamental que norteia a concepção e a ação pedagógica da Educação Física escolar, considerando todos os aspectos ou elementos”, o professor deve prover conteúdos e objetivos no processo de ensino e aprendizagem que evitem a exclusão ou ainda a alienação na relação do esporte com a cultura corporal de movimento.

Com essa premissa a Educação Física deve ser a responsável pela abertura do espaço de produção de conhecimento no ambiente escolar. Observa-se que os mesmos PCNs (BRASIL, 1998) oferecem um direcionamento sobre o processo de ensino e aprendizagem para os ciclos finais do ensino básico, em que devem ser considerados três elementos de forma simultânea: a diversidade, a autonomia e as aprendizagens específicas.

Para Almeida et al. (2011), a Educação Física se constitui em uma importante área do ensino, por promover a formação social e fomentar o desenvolvimento da criança. O seu papel consiste em um compromisso do ato de educar e contribui significativamente para transformar o aluno em um ser em constante evolução. Desse modo, busca favorecer no aluno o aprimoramento e a promoção de novos conhecimentos, de modo que esses possam efetivamente contribuir para o desenvolvimento da educação, no sentido consciente de promover condições de uma visão da realidade social do momento histórico. E principalmente, de disponibilizar meios para que o futuro jovem e adulto tenha argumentos com base cultural atualizada para discutir, analisar e reconhecer possíveis desafios a serem ultrapassados em direção a uma vida harmoniosa.

Kunz (2001) afirma que está na atuação do professor de Educação Física a maior parte da responsabilidade de oferecer por meio do esporte, essa visão social que se projeta segundo os PCNs/EF (BRASIL, 1998) em que a escola deve ser configurada como um dos principais espaços de organização social, em que se podem realizar as práticas esportivas. Portanto, cabe ao professor da Educação Física promover pela prática do seu conteúdo específico, a compreensão crítica presente nas práticas esportivas. E dessa forma oferecer condições para potencializar o desenvolvimento integral do aluno, estabelecendo vínculos com o seu contexto sociocultural. Observa-se assim a necessidade do professor de Educação Física estar continuamente promovendo diálogos com seus alunos, orientando na escolha de valores para suas vidas e principalmente, por meio da prática de atividades físicas, levá-los a percepção da cooperação e inclusão social da ação esportiva e não a competitividade apenas dessa ação.

Conforme Carmo (1985, p. 39):

[...] cabe ao professor engajado na luta mais ampla, que excede o âmbito da escola e do sistema de ensino, escolher entre fazer de sua ação pedagógica um instrumento que apenas reproduz as violências educacionais (desigualdades, discriminação, preconceitos, etc.) ou torná-la uma poderosa arma de negação desta caótica situação.

Para reforçar a relevância do papel do professor no processo de ensino e aprendizagem do esporte, cabe considerar as tensões implícitas no esporte e trabalhá-las tendo em vista o desenvolvimento humano, independentemente da manifestação ou dimensão esportiva priorizada.

Cabe destacar que o

[...] esporte traz consigo, na sua origem, a cultura do povo, modificada e transformada em produto de consumo, portanto, traz também possibilidades contraditórias estabelecidas em sua própria dinâmica, de forma que é possível enfatizar situações que privilegiam a solidariedade sobre a rivalidade, o coletivo sobre o individual, a autonomia sobre a submissão, a cooperação sobre a disputa, a distribuição sobre a apropriação, à abundância sobre a escassez, a confiança mútua sobre a suspeita, a descontração sobre a tensão, a perseverança sobre a desistência e, além de tudo, a vontade de continuar jogando em contraposição à pressa para terminar o jogo e configurar resultados. (BRASIL, 2009, p. 93).

Uma possibilidade de jogo não competitivo que pode também desenvolver no aluno todos os aspectos citados anteriormente é o jogo cooperativo. De acordo com Abrahão (2004) a vivência e a aprendizagem do Jogo Cooperativo, na formação inicial, possibilitam aos futuros professores uma melhor percepção e cuidado com as práticas excludentes e discriminatórias. Por meio de uma formação acadêmica de qualidade, podemos levar às escolas novos conceitos, valores e concepções humanas, os quais possam estimular a convivência pacífica e o equilíbrio pessoal. Percebe-se que os Jogos Cooperativos são importantes para a construção dessa relação pedagógica e que os mesmos devem ser incluídos na formação dos novos professores de Educação Física.

Brotto (1999 apud Silva et al., 2012, p.199) diz que “é necessário que o ser humano aprenda a conviver em sociedade para aperfeiçoamento de suas habilidades”. Desta forma, utilizam-se os jogos cooperativos como exercício de convivência, fazendo do jogo um meio extremamente rico para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. A partir da análise da maneira com que os professores elaboram e ministram as aulas de Educação Física, influenciados pelo esporte de rendimento e incorporando a ideia da competição, percebeu-se a importância de uma avaliação para verificar quais estratégias eles deveriam utilizar para incentivar a participação dos alunos nas suas atividades propostas.

De acordo com Orlick (2004) os jogos competitivos estimulam o aumento da tensão entre os competidores e pode levar a frustração diante dos resultados, o que favorece o desenvolvimento de comportamento agressivo, porém, quando em situações competitivas seja promovido o comportamento amistoso, serão menos prováveis de serem retribuídos em igual intensidade.

Tal explicação também pode ser atribuída a outras atividades que tem por base a competição, que valorizam a busca de resultados em relação ao oponente, e que prevalece a rivalidade e a superação do outro. Assim, pode-se definir cooperação como um ato da ação em conjunto com o outro para resolver um problema ou alcançar um objetivo comum.

Significa o oposto de competição, onde cada indivíduo tenta atingir o objetivo pessoal para dar o melhor de si.

Nas brincadeiras/jogos cooperativos sempre é feita uma discussão pelos professores e alunos, afim de que se possa analisar e refletir sobre a concepção e utilização da cooperação nas atividades escolares promovendo de maneira prazerosa e lúdica o desenvolvimento global do aluno.

Isto contribui para que os participantes aprendam a cooperar e possam transferir essa concepção para o seu cotidiano, desenvolvendo todo o potencial de serem eles mesmos, de aprender a cooperar, desenvolver a criticidade e a criatividade. Assim, quando adultos, poderão utilizar desses elementos para serem sujeitos atuante em nossa sociedade (ANTUNES FILHO, 2014).

Para Oliveira (2001, p. 91) o esporte não é mais aquele, em que a ideologia do ‘mais vale competir do que ganhar’ deixou de refletir o interesse geral. É preciso vencer, sim, a qualquer custo. As massas desejam recordes que igualam os esportistas aos super-heróis patrocinados por grandes empresas.

Percebe-se que a cultura esportiva, por estar predeterminada na classificação e categorização provindas de uma cultura dominante burguesa, que segrega, exclui e aparta os mais fracos, incorpora também os valores da exclusão. “Parece que, se falo de jogo, tenho que falar de competição, criando erroneamente uma relação de sinonímia entre as palavras” (SOLER, 2002, p. 20).

Oliveira (2001) destaca que o professor deve realizar uma crítica pessoal de sua proposta de aula e a qualquer momento dialogar com os alunos, possibilitando uma abertura às suas necessidades, deve sustentar seu trabalho a partir de valores humanos. Para ministrar uma aula de Educação Física, é necessário muito mais do que entregar a bola e assistir os alunos brincando, ou seja, tendo uma aula recreativa. Como também não deve ser aquele que incentiva a competição a todo custo, destacando que o importante é só ganhar.

Singer e Dick (1985) exemplificam os objetivos de ensino para todos os domínios do comportamento:

- Social - O aluno demonstrará boa conduta em suas respostas aos chamados do professor sobre o seu comportamento em relação ao time oponente.
- Afetivo - Dada uma possibilidade de escolha, o aluno se engajará em uma atividade física ao invés de uma sedentária.

- Cognitivo - Dada uma lista de violações de regra, o aluno identificará, corretamente, de uma segunda lista o esporte de equipe associado com cada uma delas.
- Psicomotor - O aluno fará, com êxito, a maioria das atividades propostas.

Deve-se ter a consciência do papel do professor de Educação Física para o desenvolvimento e a formação dos alunos. Sendo um professor bem capacitado, este poderá levar para as suas aulas novos conceitos de relações humanas, visando resgatar valores por meio de instrumentos que oportunizem aos alunos conviverem pacificamente e buscar o equilíbrio pessoal, cognitivo e afetivo, necessário para o seu aprendizado através da não violência.

Jogos cooperativos

Desde muito tempo, os Jogos Cooperativos se fizeram presentes nas práticas da vida em comunidade. Como pelos relatos históricos das comunidades tribais que se uniam para celebrar a vida (ORLICK, 1982 apud SOUZA, 2014). Quando utilizavam rituais próprios de jogos cooperativos para expressarem suas relações com antepassados, agradecimentos por colheitas e outros ritos próprios de cada cultura.

Para Marinho et al. (2007) os jogos cooperativos tem como característica a possibilidade de oferecer ações integrativas com participantes diante da necessidade de se cumprir determinado objetivo utilizando a cooperação. É prática comum no Brasil as atividades físicas e desportivas com jogos cooperativos, pois se entende que trata-se de possibilidades de ação que favorecem as relações humanas entre adultos, crianças, adolescentes e idosos.

Para Souza (2014) os jogos cooperativos são as atividades em que todos participam juntos, o seu objetivo principal é a diversão, não tendo como meta prioritária a comparação dos resultados, marcas ou habilidades. Além disso, é um meio para se aprender a trabalhar em grupo, uma vez que no decorrer do jogo os seus participantes jogam com e não contra o outro. O que leva ao entendimento de que os jogos cooperativos contribuem para a melhoria das relações da convivência social e faz com que o indivíduo consiga interagir com maior empenho e dinamismo em seu grupo social.

No jogo cooperativo a busca está em superar desafios e não derrotar alguém, a pessoa que esta envolvida no jogo toma consciência de seus próprios sentimentos, colocando-se no lugar do outro, priorizando o trabalho em equipe, onde se procura jogar

com um parceiro e não com um adversário, jogar por gostar e pelo prazer de estar com os demais. Por meio destes jogos o indivíduo consegue perceber que todos são importantes para alcançar determinados objetivos, não priorizando habilidades ou performances anteriores (THOMAZ; SILVA, 2006).

Os jogos cooperativos, segundo Plats (1997, p. 9) podem ser classificados quanto a sua finalidade:

- Jogos de quebra-gelo e integração: São jogos curtos de abertura para unir o grupo, despertar a energia e motivação e descarregar as tensões físicas dos participantes.
- Jogos de toque e confiança: Para despertar a confiança entre os participantes, devem ser usados após os jogos quebra-gelo.
- Jogos de criatividade, sintonia e meditação: Jogos para estimular a expressão da imaginação, intuição e criatividade.
- Jogos de fechamento: servem para dar às pessoas a chance de se posicionarem em relação ao grupo e a si mesmas, transferindo o que fizeram no treinamento ou vivência para o seu dia a dia. Os jogos cooperativos é uma proposta coerente com as perspectivas de mudança e a necessidade de ser aperfeiçoada e mais estudada, mas mesmo sendo um processo mais demorado, ele é amplamente viável e possível de realizar-se na escola.

Considerando as discussões e comparações entre os jogos cooperativos e competitivos, Lovisolo (2001) afirma que o esporte não pode ser negado à escola nem aos alunos, porque é representante e componente da nossa cultura, e com ele a competição: “[...] considero que a competição que se expressa em ganhar e perder é a alma do esporte” (p. 108) e “[...] creio, portanto, que se há atividade esportiva na escola, algum grau de competição estará presente” (p. 109).

Nesse contexto, Freire (1997) também acredita que negar a competição é o mesmo que eliminar o esporte da Educação Física e considera “[...] ser mais educativo reconhecer a importância do vencido e do vencedor do que nunca competir” (p. 150).

Sendo assim, conclui-se que os jogos cooperativos por promoverem um tipo de relação baseada na capacidade de cooperar, ao invés de competir, são um valioso instrumento para a formação das pessoas, por ajudar a desenvolver uma interação positiva com os demais, baseada no respeito e no agir coletivo em busca de um objetivo comum.

Deve-se atentar que durante a aplicação dos jogos cooperativos a mudança é lenta, pois os envolvidos não estão acostumados a cooperar uns com os outros. A partir daí, o aluno se vê com possibilidade de sentir-se humano e atuar na sua totalidade dinâmica, composta de múltiplas dimensões, que conectam com o que ele tem de melhor. Portanto,

este conteúdo é importante, mas não sobrepõe ou minimiza a vivência do aluno de outros conteúdos da Educação Física, na discussão em questão, o esporte.

A inclusão social por meio do esporte

Um dos maiores desafios da escola, no nosso presente, é a educação básica de qualidade por meio da inclusão escolar, em que o respeito pelas diferenças de gênero, orientação sexual, raça, etnia, entre outros, deve ser garantido e colocado em prática.

Santos (2003, p. 22) ressalta que o termo inclusão, muitas vezes relacionado apenas as ações no espaço da educação especial ou confundido com a integração de pessoas com deficiência, se encontra inserido em um contexto mais amplo, e deve ser compreendido como um processo, reiterando princípios democráticos de participação social plena e visto como uma luta em todas as áreas da vida humana.

O autor esclarece o conceito de inclusão da seguinte forma: “discutir inclusão significa automaticamente discutir também a exclusão.” A afetividade surge como o elemento principal no processo de inclusão social, deixando em segundo plano a possibilidade de inclusão por meio da construção de conhecimentos e habilidades necessários à inclusão via profissionalização.

Para Bourdieu (1998), a escola, por ser parte de um contexto social, não é uma ilha na sociedade, ainda que utilize de meios próprios para direcionar a sua prática administrativa e, por isso, diferente da empresarial. Não está, portanto, totalmente determinada pela sociedade, mas ao mesmo tempo não está totalmente livre dela. Não se pode ter a ingênua percepção de que se tratam de âmbitos distintos e sem relação, ao contrário, a sociedade passa pela escola para receber os conhecimentos necessários para a sua sequência de vida. Por isso deve ser autônoma e promotora dos ensinamentos que são importantes para a formação social do adulto que se espera que a mesma forme.

Segundo Oliveira (2004, p. 63):

Pela via dos esportes a masculinidade se estendia por todo o corpo social enquanto valor e símbolo consagrado, ultrapassando barreiras de classe, religião e todas as outras diferenças que poderiam limitar a hegemonia e homogeneidade de sua valorização. [...] aguentar as provações da vida diária e se manter firme era um lema presente em muitos manuais de ginástica e em narrativas do período que serviam de forma direta para estimular o exercício e o treinamento físico.

Na escola, pensando nas maiores dificuldades de participação daqueles menos capacitados para a prática do esporte, orientado pelo seu modelo de alto rendimento e,

especialmente, da maioria das meninas, Daolio (2003) explica que parece haver em sociedade um processo que transforma as meninas em competentes atletas e, por outro lado, os meninos em superatletas. Para o autor, há o peso de uma sociedade e de uma cultura que em muitos casos os marginaliza e influencia o comportamento humano, porém são os próprios homens que a produzem e a transformam cotidianamente, levando as crianças, na maioria das vezes, a cumprirem alguns ditames sociais para serem mais valorizadas.

Na sociedade, ainda segundo Daolio (2003), se uma menina gostar ou assumir determinados comportamentos vistos como masculinos ou se um menino tiver uma postura mais delicada, mais afetiva e mais contida, ambos sofrerão *bullying* dos colegas, recebendo denominações pejorativas sobre o seu comportamento:

[...] o professor de Educação Física deve encontrar formas de adaptar os esportes para que todos os alunos consigam participar das aulas de maneira descontraída, e sem se sentirem ‘antas’, ‘burros’, ‘baleias’, ‘cavalos’, ou quaisquer outros animais. [...] ninguém deve sair da aula portando um suposto fracasso por ter tido um resultado numericamente negativo, e isso não significa responsabilizar os próprios alunos por esse sentimento, mas assumir como tarefa do professor a transformação dos resultados dos jogos, que na aula de Educação Física podem e devem ser diferentes de vitória, derrota ou empate. (MONTEIRO, 2004, p. 9).

Ressalta-se que a responsabilidade do professor de Educação Física para a construção de formas operacionais de práticas e reflexões sobre valores, deve ser realizado a partir de ações que promovam a reflexão e a análise sobre o comportamento de cada um dos alunos. Tendo a Educação Física espaço para esse diálogo, pois quase sempre o professor esta diante dos alunos em momentos de relaxamento e descontração, os quais promovem um espaço de diálogo para uma reflexão sobre seus comportamentos sociais (ALVES, 2004).

Deste modo, o respeito mútuo, a justiça, a dignidade e a solidariedade podem ser exercitados e incorporados, como se observa nos PCNs/EF (BRASIL, 1998, p. 34):

[...] podem ser exercidos dentro de contextos significativos, estabelecidos em muitos casos de maneira autônoma pelos próprios participantes. E podem, para além de valores éticos tomados como referência de conduta e relacionamento, tornarem-se procedimentos concretos a serem exercidos e cultivados nas práticas da cultura corporal.

Portanto, quando ocorre uma falta em relação ao que foi combinado no jogo, o fato pode resultar no estabelecimento de uma relação de responsabilidade pela consequência

das atitudes intrínsecas à própria atividade. Essa situação pode ser pano de fundo para uma interessante discussão, pois apesar das possíveis vantagens resultantes da simulação, o participante do jogo segue sendo responsável por um ato que sabe ser desonesto.

Uma equipe esportiva, entendida como uma forma de agrupamento humano, não caracteriza apenas um conjunto de ações técnicas e táticas; representa uma das mais expressivas manifestações interativas e operacionais em busca do sucesso coletivo. Em seus diferentes aspectos, as equipes representam em seu contexto social um modelo de realidade que propaga valores de participação que ratificam a pertinência das preocupações das instituições/ clubes para com o mesmo cenário esportivo. Exigem que os indivíduos se tornem inteiramente conscientes do fato de pertencerem às suas equipes e de bem viver e produzir dentro delas. Dessa forma, as equipes esportivas se encontram quase sempre submetidas aos valores, normas e regras estabelecidos pelas instituições, clubes, como elementos do poder do maior em relação ao menor (ALVES, 2004).

A figura do técnico potencializa essa situação, na medida em que contribui para que os jogadores demonstrem a responsabilidade moral para o árbitro, e se incorpora a figura do técnico ao jogo, sendo esse apenas mais um dos elementos que podem ser manipulados. Dessa forma, toda simulação não percebida pelo juiz torna-se legítima e em alguns contextos essa capacidade de simulação é tão valorizada como as habilidades técnicas.

Conforme Simões et al. (1999) a ideologia de liderança - “Ideal próprio” dos técnicos e a percepção desse comportamento pelo “Real equipe” dos atletas, se apoiam num intercâmbio de comportamento que demanda a manutenção de um difícil equilíbrio entre os valores determinantes das condutas humanas e as forças de natureza macro social, que toda equipe recebe com o fim de poder responder aos imperativos das diferentes competições nacionais e internacionais. Observa-se que relatamos o campo das práticas coletivas da cultura corporal, ou seja, um amplo espaço para a vivência de expressão de emoções, sentimentos e sensações, uma vez que os vínculos de amizade e companheirismo entre os grupos podem resultar na formação de regras próprias de atitudes de defesa do grupo sempre que algum dos seus componentes possa estar sendo ameaçado.

Nesse ponto, o conceito de equipe esportiva permite afirmar que os técnicos e atletas têm liberdade de expressão para manter por inúmeras circunstâncias a imagem das equipes perante a sociedade oferecendo, portanto uma dimensão configurada de análises sobre os fenômenos psicossociais, sociodinâmicos e institucionais que norteiam a vida

coletiva das equipes. Deve-se pensar que as equipes se encontram montadas por dois elementos que se conjugam: técnico/professor e atletas.

A presença dos técnicos frente às equipes deve ser vista, conforme Simões et al. (1999), como necessária para a superação dos limites individuais ou como um obstáculo para as manifestações de poder dos atletas, enquanto as equipes devem ser observadas como modelos necessários à execução de projetos, expressão de afetividade ou então como obstáculo para a liberdade individual dos atletas. Isso ressalta que as ações interativas e funcionais estabelecidas por técnicos e atletas tendem a incorporar ou rejeitar valores logo, podendo ou não unificar, afetiva e moralmente, os “indivíduos-membros” com a equipe, clube e com a sociedade esportiva de uma maneira geral. O argumento é que a vida das equipes representa um enigma, mesmo quando tudo parece estar muito “natural” e sem problemas aparentes.

Diante desses referenciais considera-se que a atuação do técnico diante das modalidades coletivas deve ser funcional, envolvente e participante, pois depende muito do seu perfil profissional o êxito e a formação cidadã de seus educandos (ALVES, 2004).

Os conceitos incorporados sobre a conduta pessoal dos técnicos têm sido utilizados para determinar o comportamento ideológico de liderança - “Ideal próprio”, implementado em relação aos padrões definidos de organização, canais de comunicação, tipo de procedimentos e comportamento indicativo de amizade, confiança mútua e respeito humano. Eles sabem perfeitamente o quão difícil é conseguir que seus atletas cumpram suas determinações, já que devem realizar seus objetivos a partir dos seus liderados, sem desequilibrar a estrutura social e funcional de suas equipes (TIBOLA, 2001).

Para Silva (2004) quando em competição ou definição de aprendizagem no esporte, o êxito e o fracasso mesmo tendo a sua dimensão específica, não devem ser a referência para a prática esportiva do grupo. Mas sim de busca por superação das dificuldades, pois, essas sempre se farão presentes nesse ambiente de atividades lúdicas e de processo de aprendizagem e não pode ser vista como uma expectativa de desempenho predeterminada.

Vilani (2008) ressalta que as teorias da aprendizagem social, propostas por Rappaport, de que as experiências, desde as vivenciadas diretas pelo sujeito e as observadas em outras pessoas, contribuem para a determinação do seu comportamento competitivo ou socialmente cooperativo. Pois é o seu ambiente que, em parte, contribui e determina o seu comportamento.

Dessa forma, na aula de Educação Física ou mesmo em treinos esportivos, verifica-se a existência de um microsistema de emoções, em que se percebem variáveis de ordem psicossociais próprias do desenvolvimento afetivo-social e, por isso, quase sempre de grande complexidade para a percepção do modo de agir do ser humano. E compete ao educador de Educação Física direcionar o agir de seus alunos para a solidariedade e a inclusão de todos os competentes do grupo de jogos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos diferentes discursos sobre a ação da Educação Física e da prática de esporte como processo de inclusão, compete ao professor dessa área, promover meios para que seja minimizada a ação competitiva do esporte.

Observando que certamente não se trata de uma ação de fácil resolução, uma vez que de certa forma é inerente ao ser humano a competitividade. A qual se faz presente tanto no contexto social como de trabalho e, por isso, não poderia não estar presente nos esportes, principalmente, quando se vivencia uma época, em que todo atleta busca a sua consagração por meio da mídia, por medalhas ou a sua incorporação a algum time de renome internacional, preferencialmente.

Percebe-se que o esporte pode ser um excelente instrumento de inclusão social, porém, o compromisso do professor e a forma como ele trabalhará os conflitos que surgirem poderá definir a maneira como os alunos percebem a competição.

Dessa forma, entende-se que a função do professor de Educação Física exige grande responsabilidade, para que suas aulas sejam o campo apropriado para a cooperação e a formação de adultos participativos e socialmente conscientes das limitações que cada ser humano tem diante dos demais membros da sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, R. S. A Relevância dos Jogos Cooperativos na Formação dos Professores de Educação Física: Uma Possibilidade de Mudança Paradigmática. *Dissertação* (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

ACEDO, L. M. Valores e atitudes na prática pedagógica do professor de Educação Física. - Rio Claro : [s.n.], 2009. 114 f. *Dissertação* (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009.

ALMEIDA, A. D.; TONIOLO, M. G.; CASTRO, R. M. P. Educação Física Escolar: ensino, vivência e aprendizagem do esporte nos 6º e 7º anos do ensino fundamental 11. 2011. 49f. *Trabalho de Conclusão de Curso* (Especialização em Educação Física Escolar)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, 2011.

- ALVES, G. S. A Educação Física na primeira fase do Ensino Fundamental. 2004. 57 f. *Monografia* (Licenciatura em Educação Física) – Fundação Unirg. Gurupi, 2004.
- ANTUNES FILHO, O. O esporte como conteúdo da educação física escolar em Buritis: realidade e desafios. *Monografia* (Licenciatura em Educação Física) – Universidade de Brasília. Faculdade de Educação Física. Buritis/ MG, 2014.
- BORGES, C. M. F. A Educação Física na Vida das Crianças: significados. *Revista da Educação Física UEM*, v. 3, n. I, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais. 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: Educação Física*. Brasília: SEF/MEC, 1998.
- BRASIL. Ministério do Esporte. *Construindo o Sistema Nacional de Esporte e Lazer*. Brasília: Ministério do Esporte, 2009. (Coletânea esporte e lazer: políticas de Estado; caderno 2).
- CARMO, A. A. *Educação Física: Competência Técnica e Consciência Política: em busca de um movimento simétrico*. Uberlândia: UFU, 1985.
- DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em “antas”. In: *Cultura: Educação física e futebol*. 2 ed. Campinas 2003: Editora da UNICAMP, p. 107-22.
- DARIDO, S. C.; SOUZA JUNIOR, O. M. *Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola*. Papirus editora:Campinas,SP, 2007.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro*. São Paulo: Scipione, 1997.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 2001.
- LOVISOLO, H. Mediação: Esporte rendimento e esporte da escola. *Revista Movimento*, Porto Alegre, Ano VII, n. 15, p.107-117. 2001.
- MARINHO, H. R. B. et al. *Pedagogia do movimento: o universo da ludicidade e psicomotricidade*. 2. ed. Curitiba: Ibex, 2007.
- MONTEIRO, Mariângela da Silva. *Ressignificando a educação: a educação inclusiva para seres humanos especiais*. Disponível em: <<https://projetoinclusao.files.wordpress.com/2010/09/ressignificando-a-educacao.doc>> . 2004. Acesso em 13 nov. 2016.
- MOREIRA, As. M. Pedagogia do esporte e o karatê-dô: considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. 2004. 233 f. *Dissertação* (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- OLIVEIRA, S. A. *A reinvenção do esporte*. Campinas: Autores Associados, Chancela Editorial CBCE, 2001. (Coleção educação física e esportes).
- OLIVEIRA, P. P. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG; 2004.
- ORLICK, T. *Vencendo a competição*. São Paulo: Círculo do Livro, 2004.
- PAES, R R. Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Campinas, 1996. *Tese* (Doutorado)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

- PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.
- PLATTS, D. E. *Auto descoberta divertida: uma abordagem da Fundação Findhorn para desenvolver autoconfiança nos grupos*. Triom, 1997.
- ROCHA, S. S. *Efeitos dos Jogos Cooperativos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*. DHE – Departamento de Humanidades e Educação. Curso de Educação Física. Ijuí: RS, 2013.
- RUBIO, K. O trabalho do atleta e o espetáculo esportivo. *Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. VI, n.119, 2002.
- SANTOS, M. D. Compromisso: a proteção do eu - representação dos professores de educação física. *Dissertação* (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, 2003.
- SILVA, J. K. F.; DOHMS, F. C.; CRUZ, L. M.; TIMOSSI, L.S. Jogos Cooperativos: contribuição na escola como meio socializador entre crianças do ensino fundamental. *Motrivivência*, Florianópolis, SC. Ano XXIV, nº 39, p. 195-205 Dez./2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2012v24n39p195/23405>>. Acesso em: 25 março 2016.
- SILVA, S. P. S. Estágios curriculares na formação de professores de educação física: o ideal, o real e o possível. In: *Simpósio sobre Ensino de Graduação em Educação Física. Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: 10 anos do curso de educação física da UFSCar*. Disponível em CD. São Carlos, 2004.
- SIMÕES, A. C.; BÖHME, M. T. S.; LUCATO, S. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v. 13, n.1, p. 34-45. Janeiro /junho 1999.
- SINGER, R.; DICK, W. *Ensinando Educação Física: uma abordagem sistêmica*. Porto Alegre: Globo, 1985.
- SOLER, Reinaldo. *Jogos Cooperativos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.
- SOUZA, D. C. *O legado dos jogos cooperativos como meio socializador nos alunos do 5º ano do ensino fundamental e de escola pública em Umbuzeiro/Mundo Novo-BA*. Curso de Licenciatura em Educação Física a Distância da Universidade de Brasília – FEF EAD/UNB. PIRITIBA-BA, editora UNB, 2014.
- SOLER, R. *Jogos cooperativos*. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.
- STIGGER, M. P. *Esporte de rendimento e esporte na escola*. São Paulo: Autores Associados, 2009.
- THOMAZ, Flávia A.; SILVA. *Jogos cooperativos - a cooperação como eixo na construção do saber*. In: *I Seminário de Estudos em Educação Física Escolar*. São Carlos. 2006.
- TIBOLA, I. M. (Org.). *Educação Física, Desporto e Lazer: proposta orientadora das ações educacionais*. Brasília: Federação Nacional das APAEs, 2001.
- VILANI, L. H. P. A sistematização do processo de ensino-aprendizagem-treinamento dos fundamentos técnicos dos esportes de raquete: uma proposta de iniciação desportiva para o tênis, tênis de mesa, badminton e squash. 1998. 187 f. *Monografia* (Licenciatura em Educação Física) Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: UFMG, 1998.